

# Editorial

**Fabício A. Pamplona<sup>1</sup> e Renato Malcher-Lopes<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*D'Or Institute for Research and Education (IDOR), Rio de Janeiro, Brasil*

<sup>2</sup>*Universidade de Brasília, UNB, Brasil.*

Contato: (1) [fabriciopamplona@gmail.com](mailto:fabriciopamplona@gmail.com); [fabricio.pamplona@idor.org](mailto:fabricio.pamplona@idor.org); (2) [malcherlopes@gmail.com](mailto:malcherlopes@gmail.com)

## 2014, O ANO DA MUDANÇA

No futuro próximo, o ano de 2014 provavelmente será lembrado como o ano da ruptura de paradigmas anacrônicos – mais culturais do que científicos – sobre o uso medicinal da maconha (*Cannabis sativa*) e seus derivados, os fitocanabinóides. Pela primeira vez, desde que qualquer uso desta planta e seus princípios foram proibidos, a legitimidade científica e ética de seu uso como medicamento foram novamente reconhecidas pela sociedade. Fato que já causou repercussão imediata para muitos enfermos graves e suas famílias e que, no médio prazo, deverá ajudar a aliviar os sofrimentos e aumentar a qualidade de vida de milhares de pessoas em nosso país. Por mais estranho que pareça, em um contexto médico-científico, o uso da expressão “novamente reconhecidas”, ela se aplica de forma emblemática ao caso da maconha, visto que extratos de variedades de *Cannabis sativa* e as próprias plantas in natura já fizeram parte da Farmacopeia Brasileira, nas suas primeiras edições. O recente interesse das indústrias farmacêuticas na *Cannabis*, ou melhor, na elaboração de produtos baseados nesta planta, chega com enorme atraso causado pela proibição em si e pelo consequente embargo sofrido pela pesquisa de suas propriedades médicas consagradas por milênios antes de serem internacionalmente proscritas, há cerca de 75 anos. Tanto assim que, na ausência da autoridade socialmente imputada aos médicos e pesquisadores, restou aos próprios pacientes e suas famílias a busca por soluções imediatas para seus sofrimentos. A indústria, os próprios médicos e autoridades governamentais tem respondido de maneira ainda tímida aos recorrentes relatos sobre os efeitos benéficos da planta feitos diretamente pelos próprios pacientes. Muitos dos usos atuais de derivados da *Cannabis* não são novos, mas a experiência direta dos pacientes tem ajudado a trazer à tona o conhecimento anteriormente enclausurado em textos acadêmicos de pouco acesso. Com este ganho de fôlego para o campo, muitos dos potenciais terapêuticos da planta estão sendo estudados em mais detalhes e reconfirmados formalmente, do ponto de vista científico: o alívio de dores severas, alívio de náuseas e aumento de apetite para indivíduos em quimioterapia, inibição do crescimento de alguns tipos de tumores benignos e malignos, redução do número e gravidade de crises convulsivas e, mais recentemente, no tratamento dos sintomas de autismo regressivo e doenças neurodegenerativas, tais como Alzheimer, Parkinson e esclerose múltipla. Da ciência básica feita em modelos celulares ou animais, surgem a cada dia novos exemplos de potenciais aplicações benéficas de fitocanabinóides, as quais já estão ou serão eventualmente testadas clinicamente em humanos. Por outro lado, o debate acerca dos reais riscos à saúde decorrentes de seu potencial em causar dependência permanece controverso diante da relação custo / benefício do uso sob orientação profissional, que, de uma forma geral, se apresenta bastante positiva em praticamente todas as aplicações médicas consideradas atualmente. Diante destes fatos, países da Europa e os Estados Unidos estão revendo as antigas abordagens e posicionamentos políticos que marcaram a segunda metade do século XX, os quais consideravam a maconha como uma planta “perigosa e sem utilidade medicinal” (conforme mencionado no conhecido “Schedule I” da agência de regulamentação americana). Neste ano de 2014, apesar do ruído político em torno do tema, o Brasil parece finalmente ter assumido a responsabilidade ética de encarar de frente e de forma racional a demanda humanista e científica por esta rediscussão. Os editores deste edição especial são pesquisadores da área de canabinóides, com mais de 10 anos de experiência e reconhecimento internacional na área. Baseados em suas pesquisas e as da literatura científica, possuem um posicionamento aberto de que os fitocanabinóides podem ter utilidade terapêutica e devem ser aproveitados como tal, desde que usados criteriosamente, como qualquer remédio, em um contexto regulamentado para tal. Esta edição tenta estimular esta discussão, mostrando um panorama de pesquisadores brasileiros que tem trabalhado com o tema, sem no entanto esgotar o assunto, e nem mesmo representar a totalidade dos grupos brasileiros que pesquisam canabinóides. O convite para contribuições foi amplamente divulgado e todas as contribuições foram bem recebidas e avaliadas por pares, sem se ater a um ou outro posicionamento. O conteúdo que você tem em mãos, e que esperamos que goste, é uma reunião do melhor que tivemos disponível. É importante ressaltar que os autores que contribuíram com esta edição não estão necessariamente alinhados com esta visão, mas enriquecem o debate com seus imprescindíveis pontos de vista. Assim, esperamos, poder contribuir para a discussão a respeito da medicina baseada em canabinóides no Brasil, alinhando-nos aos legítimos clamores da sociedade por uma discussão menos corporativa, mais ética e transparente do tema, tanto no que se refere ao seu conteúdo científico quanto à sua importância em termos de bem-estar e saúde pública, sempre pautando-a em evidências para superar medos e preconceitos.

Boa leitura!